

---

## O Jornalismo Literário Brasileiro Nos Textos de João Do Rio<sup>1</sup>

João Victor Barbosa de Oliveira<sup>2</sup>  
Mônica Christina Pereira de Sousa<sup>3</sup>

Universidade Veiga de Almeida – UVA, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

Esse trabalho se propõe a analisar nove matérias escritas por João do Rio para a Gazeta de Notícias, entre 1903 a 1913: *O Brasil lê*; *A vida do Rio: o prefeito*; *Conferência literária: João do Rio - a rua*; *O grão*; *A pobre gente: Os trabalhadores da estiva*; *A pobre gente: Sono da miséria*; *No Jardim do Crime: As quatro ideias capitais dos presos*; *Os mercadores de livros e a literatura das ruas*; *Momento literário: Medeiros e Albuquerque*<sup>4</sup>, que revelam três aspectos marcantes daquela época: social, urbano e literário. Nossa hipótese é de que cada um desses referenciais interfira sobremaneira no jornalismo do começo do século XX e na influência deste período para o jornalismo contemporâneo. Nosso alvo teórico aborda teorias do jornalismo e a influência das transformações parisienses do século XIX nos escritores brasileiros.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; João do Rio; Reportagem; Literatura; Jornalismo;

### Introdução

O homem que vê, que sente, que sabe porque aprendeu a saber. Cujas fantasias é um desdobramento moral da verdade, mistura impossibilidade e sensibilidade, eco de alegria, da ironia, da curiosidade, da dor do público – o literato do futuro, o repórter –, segundo denominação de João do Rio (1904), é possível reconhecer a sua real importância para evolução da imprensa brasileira, contribuindo para o breve ápice do Jornalismo Literário brasileiro.

Mas, para entender melhor a relação mútua entre jornalismo e literatura é fundamental voltar ao início do século XX, recorrer a uma época em que os primeiros jornais cariocas eram compostos por escritores renomados da Literatura Brasileira. E não se pode reparar os dispositivos e as ferramentas exercidas nessas reportagens em análise, sem examinar o contexto político envolto do novo período repleto de reformas, que nasce

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018

<sup>2</sup> Estudante de Iniciação Científica. Estudante do Curso de Jornalismo pela Universidade Veiga de Almeida. Email: [victorbarbosadoliveira@gmail.com](mailto:victorbarbosadoliveira@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora de Iniciação Científica. Pós-doutoranda PPGCom UERJ. Doutora pelo PPGCom UFF. Membro do Grupo de pesquisa Geografias da Comunicação. Docente na Universidade Veiga de Almeida. email: [monica.cpsousa@gmail.com](mailto:monica.cpsousa@gmail.com)

<sup>4</sup> Conteúdo histórico disponível pela hemeroteca da Biblioteca Nacional

no exterior e se recria ao chegar no Brasil – principalmente no Rio de Janeiro, Distrito do Brasil dentre esse período, uma ocasião, que trouxe novos moldes de acordo com as modificações políticas e sociais ocorrentes no mundo, assim como, a belle époque, o art-nouveau e até o pré-modernismo. Todas essas peças componentes do contexto, estão compreensíveis nos trabalhos de João do Rio.

Para sustentar as reflexões envoltas do período inicial do hibridismo entre dois conteúdos, utilizamos de um artifício que abrange uma análise sociohistórica, estabelecemos esse enfoque a partir do viés teórico de estudiosos em Comunicação, tais como, Medina, Pena, João do Rio – o próprio, dentre outros. Como metodologia, iremos usar uma análise de objetos indiretos, que, Segundo Pena (2005), consiste em principalmente desmembrar em subunidades o objeto, ao observar a coesão interna de cada elemento obtido ou notado. Em seguida, investigar a coesão das relações de cada um desses mesmos elementos com os demais que formam com ele um todo, assim como a relação de cada um com o próprio todo.

### **O repórter e a empresa jornalística**

Seguindo a linha de raciocínio, antes de decompor os objetos propiciados para obter um amplo conhecimento dos métodos e das contribuições sociohistóricas decorrentes das reportagens de João do Rio<sup>5</sup>, é preciso percorrer o seu caminho pela imprensa e recorrer às condições do que era ser um repórter no século XX, para enfim ressaltar as suas grandes contribuições, realizadas em grande parte na *Gazeta de Notícias*.

Filho de Alfredo Coelho Barreto, professor de matemática e positivista, e de Florência dos Santos Barreto, João do Rio com 17 anos, teve o início da sua carreira em *O Tribunal*, com uma crítica sobre a peça *Casa de Bonecas*. Já em 1900, contribuiu para diversos jornais como: *O Paiz*, *O dia*, *Correio Mercantil*, *O Tagarela* e *O Coió*. E em 1903, indicado por Nilo Peçanha, entra para a *Gazeta de Notícias*.

Em 1904 e 1905, João do Rio vivencia o auge da sua contribuição para empresa jornalística no Brasil, pondo em prática os seus dotes na escrita, entrelaçando Literatura e Jornalismo<sup>6</sup> – caracterizadas como Jornalismo Literário. Pena (2005), defende que a natureza do Jornalismo está no medo, tal sentimento pelo desconhecido que leva o homem

---

<sup>5</sup> João do Rio, pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, nasceu em 05 de agosto de 1881 e faleceu em 23 de junho de 1921, no Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Futuramente o Jornalismo e a Literatura também comporiam o estilo Novo Jornalismo

a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E foi esse instinto, já valorizado pela literatura, que fez com que grandes literatos do século XX, inclusive João do Rio, se vissem capazes de exercer o ofício do jornalismo.

O advento da Primeira República (1889-1930), permitiu que a imprensa se transformasse, abrindo espaço para a diversificação. A enxurrada de modificações contribuiu para a necessidade dos leitores em saberem tudo o que acontecia principalmente no exterior. Era preciso acompanhar as notícias para se considerar incluso nas concepções, daquela época, do que significava estar na moda e dentro dos moldes modernos.

A Presença da literatura nos primórdios dos jornais brasileiros foi marcada não só por intermédio dos folhetins, mas também de um novo estilo dominado e inaugurado nos impressos cariocas por João do Rio, reportagens em formas de crônicas, as quais, grande parte se encontra publicadas pela *Gazeta de Notícias* – jornal mais literário da época, e, tradicional folha vinda do tempo do Império. Esse panorama, é encarado por Medina (1988), como resultado do período em que o jornal passou por grandes reformas com a chegada da industrialização, moderniza-se passando a lucrar, principalmente, a venda de espaço publicitário, definindo-se assim parte da empresa jornalística no Brasil e da indústria cultural, considerando preferencialmente o gosto do leitor. A ênfase recai sobre o que o público quer e não sobre a opinião do grupo que manipula o jornal.

As novas tendências vindas de Paris se reformularam ao chegar no Rio de Janeiro – privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro de decisões econômicas da época. Tanto nas remodelações urbanas, quanto na literária e jornalística podia-se encontrar a forte influência das modas europeias. De um lado João do Rio inovando como literato, de outro Pereira Passos como modernista, implantando um processo de civilização conhecido como “Rio civiliza-se<sup>7</sup>” ou “Bota-abaixo”<sup>8</sup>. Pode ser incluso também, em graus semelhantes de importância, Oswaldo Cruz<sup>9</sup>, que esteve relacionado com a Revolta da Vacina e o melhoramento das condições sanitárias, principalmente na região central e os recentes subúrbios cariocas. E de acordo

---

<sup>7</sup> Slogan do cronista Figueiredo Pimentel, presente na coluna “Binóculo”, publicado pela *Gazeta de Notícias*.

<sup>8</sup> Com essa grande enxurrada de demolições, começa a ficar mais acentuado os subúrbios cariocas.

<sup>9</sup> Biólogo e sanitarista, denominado por Rodrigo Alves como Chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública.

---

com Medina (1988), para o bom funcionamento da modernização as margens de Paris, era preciso uma sociedade igualmente em processo:

Este tipo de periódico está ligado a dois fatores sócio-históricos: urbanização e industrialização. Em outras palavras, a sua implantação exige o surgimento de populações urbanas e com algum poder aquisitivo. No fim do século passado, por sua importância como centro administrativo do país e como polo econômico ligado à importação e exportação, o Rio de Janeiro possui as condições mencionadas e aparece como centro do jornalismo brasileiro em termos modernos. (MEDINA, 1988, p.47)

Partindo da ideia de Rossi (ROSSI *apud* PENA, 2005), a profissão do repórter traz o efeito de poder ser testemunha ocular da história de seu tempo. E a história acontece na rua, nunca numa redação de jornal. Com isso, pode-se compreender que uma parcela importante das grandes modificações se expressaram nas ruas, considerados por Martins e Luca (2008) como: fim da escravidão, instauração do regime republicano e o seu ideal de reformar o ensino e disseminar o letramento, prosperidade trazida pelo café, crescimento dos centros urbano e do setor de serviços, com particular destaque para Rio de Janeiro e São Paulo, extensão da malha ferroviária, entrada de grande leva de imigrantes; artefatos modernos e os novos meios de comunicação que invadiam o cotidiano – carros, bondes elétricos, cinema, máquinas fotográficas e portáteis, máquinas de escrever, fonógrafos e publicidade.

Todos esses fatores também foram importantes para a formação dos subúrbios, os mais pobres e viventes de uma vida precária foram comprimidos para os morros, dando início as favelas cariocas. O Rio estava se esquivando da sua própria cultura local e dando valores às inovações europeias. Para Nicolau Sevckenko (1989), a partir de quatro princípios básicos: condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada; expulsão das camadas populares para a periferia e um cosmopolitismo agressivo, identificado com a vida parisiense.

### **João do Rio e os aspectos sociais**

Foi dentro desse contexto histórico e influenciado por ele, que João do Rio exerceu a arte de *flanar*<sup>10</sup> com excito, declinou em seus textos não só o amor pelas ruas, como,

---

<sup>10</sup> Mérito de um flâneur era, antes de tudo, um tipo literário do século 19, surgido na França, essencial para qualquer rua parisiense. A palavra carregava um conjunto rico de significados correlatos: o homem do lazer, o malandro, o explorador urbano, o conhecedor da rua. Foi Walter Benjamin, baseando-se na

por exemplo, no ensaio *A rua*<sup>11</sup>, mas também o seu talento como cronista e repórter, sob as influências de Paris. De acordo com Medina (1988), transcende o simples espelho das indefinições objetivas: abre caminhos que, numa história de imprensa, são expressivos, percorre os artifícios da subjetividade e reportar em seus textos a variação da cultura local.

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar. (*Gazeta de Notícias*, 29 de out. 1905, p. 5)

Existe uma diferença entre flunar e perambular, de acordo com João do Rio (1905), seria o mérito da inteligência, no qual a rua transpassa o seu significado denotativo e de forma poética supostamente impregnada com alma e agasalhadora da miséria. O autor questiona de onde elas nascem e proporciona a sua expansão com a necessidade de alargamento das grandes colmeias sociais, de interesses comerciais. João do Rio se aproxima veemente do sujeito ao qual reporta, mesmo que esse sujeito seja uma rua, toma liberdade para citar os seus nomes e com convicção dar características e contar suas histórias. Como por exemplo, a Rua da Misericórdia, que revela ser a primeira rua do Rio ou a Rua da Quintana, “essa tinha mesmo a mania de mudar de nome. Chamou-se do Açougue Velho do Inácio Castanheira, do Sucusarrará, do Tomé da Silva”. (*Gazeta de notícias*, 29 de out. 1905, p.5)

O que não faltava em João do Rio, era “faro”, o qual, nas definições de Medina (1988), é a capacidade de antecipar informações pelo convívio com os fatos em movimento no presente histórico; e a fidelidade do repórter pode ser trazida como observação da realidade e captação de dados, exteriores ao observador. Que, ainda segundo Medina (1988), as reportagens de João do Rio demonstram, mesmo que de forma incipiente, essa capacidade, assumida numa época em que ser jornalista era ter habilidade verbal e falar sobre não importa o que, movido pela inspiração do momento.

Com isso, exterior ao observador, João do Rio, estava a cidade em processo de remodelação, que se expressa em suas reportagens de forma perceptível e relevante. Fica visível a necessidade do povo em se recriar, trazer novos moldes e aprimorar o estilo de vida carioca de acordo com as tendências exercidas na Europa. O Rio passa por uma fase

---

poesia de Charles Baudelaire, que fez dessa figura um objeto de interesse acadêmicos no século 20, como um emblemático arquétipo da experiência moderna.

<sup>11</sup> Incluso do livro “A alma encantadora das ruas”; Edição 302 publicado em 29 de outubro de 1905

---

de mutações, valorizando arte, cultura e os princípios modernos ditados pela Europa – Paris, principalmente.

Já as tendências da tradicional boêmia declina e o povo adere ao aburguesamento no estilo de vida carioca. João do Rio (1908) encara isso como o Rio tendo a possibilidade de conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês, mas aposta, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda sociedade, de todos meios estrangeiros e esdrúxulos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria do que denomina como a vasta Babel que se transforma.

Tal período pode ser considerado o auge da convergência entre jornalismo e literatura, dois vieses que utilizam o mesmo meio, mas metodologias diferentes. Tendo o Rio como referência, a interação entre ambos não trouxe benefícios apenas aos sentidos literários, que podem ser observados a partir da aproximação dos literatos a veracidade ou, até mesmo, a verossimilhança, transitando de um de caráter conservador para caráter renovador, representado por um profundo interesse crítico na realidade social da época, bem como trouxe reformas ao jornalismo mediante a criação de novos métodos, como a chegada do repórter e o artifício da entrevista<sup>12</sup>.

O resultado dessa interação entre jornalismo e literatura são reportagens em forma de crônicas capitaneada por João do Rio que serviram como amplo registro do contexto das transformações no início do século XX no Brasil, rivalizando e, logo, superando nomes como os de Luiz Edmundo, Elísio de Carvalho e Figueiredo Pimentel. Para Bulhões (2007), esses textos oscilam entre reportagens, crônicas e contos, ele ainda considera João do Rio observador atento das transformações que se estavam atuando no âmbito dos costumes, dos comportamentos, dos hábitos dos indivíduos do Rio de Janeiro de 1900 a 1920.

E nesse contexto importante do cenário carioca, João do Rio, contribuiu com suas reportagens para a *Gazeta de Notícias*, de 1903 a 1913. O seu primeiro texto *A vida do Rio: o prefeito*<sup>13</sup>, reflete por intermédio de um “amigo íntimo” de Pereira Passos, as referências estrangeiras da *art nouveau*, e o caráter de implantar no Rio o conceito de cidade moderna e civilizada, nas mãos de Pereira Passos, sem deixar de lado as suas influências do parisiense Hausmann. Que segundo Benchimol (1953), o projeto de

---

<sup>12</sup> Era comum encontrar nos Jornais antigos como: *Interview*

<sup>13</sup> Edição 123 publicado em 03 de maio de 1903

---

Pereira Passos entrelaçava-se em duas estratégias complementares: uma referida, especificamente, à questão da higiene e salubridade; a outra, relacionada ao embelezamento, expressão, que adquiria, naqueles anos, grande ressonância devido às obras de remodelação de Paris.

– E as reformas?

– O Rio transforma-se sob a sua mão. As casas velhas desaparecem. A avenida começa a demolir casas nas ruas Senhor dos Passos e Camerino.

– Luta com dificuldades, hein?

– Incríveis. A luta é com os proprietários, os locatários, os mandados de manutenção. O Passos é subtil, vence a tudo. Sabe como conseguiu demolir aqueles tapumes velhos de caes Pharoux, que tanto o afeiavam? A meia hora depois da meia noite em que terminava o mandado de manutenção. (*Gazeta de Notícias*, 03 maio. 1903, p.1)

Já no texto *O Grão*<sup>14</sup>, João do Rio se inclui na narrativa e descreve-se à porta de um café assistindo as demolições, conversando com um cavalheiro, que o autor adjetiva como paradoxal - o que pode ser observado como uma das características do Jornalismo Literário. Interessante pontuar que segundo o cavaleiro, a população se divide em dois “aguerridos partidos: o que protesta e o que aplaude a transformação da cidade. Ambos são excessivos. No primeiro, o grão provoca catilinária, no segundo, o mesmo grão é megalômano, espalha delírio das grandezas”. (*Gazeta de Notícias*, 04 fev. 1905, p.1)

Em recomendação do cavalheiro, João do Rio recorre as cartas dirigidas à *Gazeta de Notícias*, para compreender melhor a opinião do povo e comprovar se há incluso na sociedade da época, a mania da catilinária ou do delírio por grandeza. Aprimorando o seu método para obter informação, recorre aos diferentes pontos de vista dos conhecedores da cidade, o cidadão. E ao fazê-lo, depara com cidadãos de todos os tipos e recomendações, que deduzem com admiração a necessidade alheia, como: plano bélico industrial; estrada de ferro elétrica que liguem todos os estados do Brasil. E não encontrou apenas a indústria como preocupação geral, a regulamentação da prostituição interessou quinze remetentes das cartas dirigidas. Por fim, João do Rio concluiu o texto com a dúvida ocasionada pelo “cavaleiro paradoxal”: “Depois de ler tantas cartas fica a gente a pensar nas palavras do cavaleiro paradoxal. Talvez o Rio seja hoje a cidade dos

---

<sup>14</sup> Edição 035 publicado em 03 de maio de 1903

---

megalômanos, graças ao grão de poeira das demolições”. (*Gazeta de Notícias*, 04 fev. 1905, p.1)

Medina (1988) encara a observação da realidade como característica essencial do repórter, diz também que esse foi realmente o ponto de partida de João do Rio ao produzir reportagens e ao renovar a crônica. Mas, observação não foi a única contribuição na metodologia, a coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevistas às fontes, é a grande conquista que João do Rio lança no jornal impresso carioca.

Por intermédio desse novo método de pesquisa e com a observação já contida, João do Rio consegue se aproximar dos aspectos sociais em expansão e expressa fragmentos da subjetividade de outrem e vestígios de sua própria subjetividade. O que pode ser visto como objeto de estudos para a cognição social, “que consiste em compreender como as pessoas formam inferências com base nas informações sociais fornecidas pelo ambiente” (Taylor, Peplau e Sears *ipud* Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009, p.8), tal justificativa, recai sobre a aproximação que João do Rio constrói aos afetados pelo “Grão” de poeira decorrente da urbanização – as minorias. Sem deixar, porém, as características particulares de sua própria subjetividade, que segundo Medina (1988) ficam perceptíveis como importantes contradições de João do Rio refletidas na ação social e individual:

Seu dandismo, a vaidade conjugada com a sensibilidade aos problemas sociais, a defesa da brasilidade e seu comprometimento com a burguesia comercial portuguesa do Rio de Janeiro, seu papel jornalístico e a atração pelo teatro, literatura e academia de letras, o espírito crítico e agressão de sua aparência física grotesca, somada a vestimentas e comportamentos fora do padrão, e até o seu homossexualismo. (MEDINA, 1988, p. 55)

Na reportagem, *Os trabalhadores da estiva*<sup>15</sup>, João do Rio acompanha o cotidiano do proletariado, observa neles a tal nevrose que são descritas com frequência em seus textos – e será explicada melhor mais a seguir –, por isso, o autor passa a considera uma particularidade frequente da sociedade moderna.

E, diga-se de passagem, os trabalhadores estavam recentemente impactados pela descoberta da greve, mais uma das influências vindas de Paris:

Que querem eles? Apenas ser considerados homens dignificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descansar e para

---

<sup>15</sup> Edição 171 publicado 19 de junho de 1904



---

viver. Um deles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava da fronte, falou-me num grito de fraqueza.

- O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que esse país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estoírar um trabalhador que um larápio? O capital está na mão de um grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. (*Gazeta de Notícias*, 19 jun. 1904, p.1)

Mas, vale notar, que é raro o caso em que as informações chegam à identificação direta, que se encontra, ainda, na reportagem dos estivadores, quando João do Rio (1904) menciona os nomes das firmas: Carlos Wallace, Melo e François, Bernardino Correia Albino, Empresa Estivadora, Picasso e C., Romão Conde e C., Wilson, Sons, José Viegas Vaz, Lloyd Brasileiro, Capton Jones. “O Lloyd, pagava sempre menos que qualquer outra empresa” (*Gazeta de Notícias*, 19 jun. 1904, p.1). Em grande parte das reportagens, as fontes são personagens anônimos, caracterizados por uma presença mais ficcional do que jornalística, ou ficam semidentificados como tipos sociais, sem perfeita individualização.

Na edição seguinte da *Gazeta*, os próprios operários estivadores escreveram para o jornal agradecendo a aproximação de João do Rio com a classe operária:

Tomamos a liberdade de dirigi-vos estas insignificantes palavras afim de agradecer-vos o ilustre e brilhante artigo de hoje, publicado na *Gazeta de Notícias*, com referência a nossa humilde classe, que em trabalho rijo e incerto, mal ganha para o pão quotidiano... (*Gazeta de Notícias*, 20 jun. 1904, p.1)<sup>16</sup>

Ao seu próprio ver, João do Rio (1904) não fez nada além, do que as peças francesas faziam haviam dez anos, a aparição do jornalista, que conduz a gente chique aos lugares macabros. Dessa forma, visita lugares imundos, insalubres como casas de uso de ópio, hospedaria de baixa qualidade e até detenções. Trouxe para os impressos brasileiros: as visitas ao presídio e a entrevista com os presos, também levou os leitores aos albergues e as hospedarias suspeitas, famosos *Zungas*, como, por exemplo, em *No Sono da miséria*<sup>17</sup>, onde era possível encontrar no rés-do-chão, salas com camas enfileiradas, como nos quartos, tarimbas com lençóis encardidos, em que dormiam marinheiros, soldados, trabalhadores de faces barbadas, de beijo aberto, babando. “Uns cobriam-se até pescoço, outros espapaçavam-se completamente nus” (*Gazeta de Notícias*, 10 jun. 1904, p.2).

---

<sup>16</sup> As palavras seguintes desse texto se encontram ilegível da disponibilização do jornal (*Gazeta de Notícias*) na hemeroteca da Biblioteca Nacional.

<sup>17</sup> Esse texto é reeditado e publicado em *A Alma Encantadora das Ruas* como *Sono Calmo*. Edição 162 publicado 10 de junho de 1904

Era comum encontrar narrativas que o incluíam como personagem, característica da literatura representada no Jornalismo em desenvolvimento. De acordo com Medina (1988), aos literatos – jamais lhes passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a de repórter, do homem que, frequentando salões, perambulava também pelas baiucas e tavernas, nos buracos do crime e do vício. Subia o morro do Santo Antônio pela madrugada com um bando de seresteiros e ia aos presídios entrevistar sentenciados.

E foi numa dessas visitas que encontrou o que pode determinar como *As quatro ideias capitais dos presos*<sup>18</sup>, consideradas: a monarquia; a crença de Deus; a imprensa; e a liberdade; No texto, o autor coloca o reportar como um porta voz dessa “gente inferior” e as quatro ideias capitais podem ser consideradas como um parâmetro da situação ocorrente nesse século, a relação a influência dos veículos de comunicação, em principal, a imprensa com o povo marginalizado, destoado dos modelos parisienses:

O jornal é história diária da outra vida, cheia de sol e de liberdade; é o meio pelo sabem da prisão dos inimigos, do que pensa o mundo a seu respeito. Não há cubículo sem jornais. Um repórter é para essa gente inferior o poder independente, uma necessidade como a monarquia e o céu. Anunciar um repórter nas galerias é agitar loucamente os presos. Uns esticam papéis, provando inocência. (Gazeta de Notícias. 1905, p.6)

“Essa Febre de mundanismo que o Rio começa a viver, reflete-se nas relações literárias. As seções mundanas dos jornais ocupam-se, ao mesmo tempo, de literatura” (Broca, 2004, p.37). O distanciamento entre classes sociais se faz sentir em todos os campos. No terreno das artes, enquanto a elite dedicava-se ao cultivo da valsa, da polca, da opereta, o povo aderiu a manifestação como a modinha e danças populares – lundis, maxixe, samba – e até o carnaval começa a se firmar como a principal festa popular do Rio.

Ninguém melhor do que Brito Broca para descrever os aspectos literários desse período, informações importantes que reunidas compõem a obra: *A Vida Literária no Brasil 1900*, que em sua grande maioria é envolto de um período dominado por João do Rio, que além de cumprir o seu papel como repórter, queria também reforçar o seu envolvimento com a literatura, fazendo parte da Academia Brasileira<sup>19</sup>. E, para Brito Broca (2004), esse período foi considerada uma crescente influência de escritores

<sup>18</sup> Edição 245 publicada em 03 de setembro de 1905

<sup>19</sup> Conseguiu ser eleito apenas na terceira tentativa, em 1910.

aburguesados, tornando-se impossível negar certa influência da Academia Brasileira, na primeira década do século XX. Sob o signo de Machado de Assis, a prova de compostura se tornara imprescindível para a admissão no novo grêmio, que desde o início se revestira de uma dignidade oficial incompatível com os desmandos da boêmia.

João do Rio aborda em *O Brasil Lê*<sup>20</sup> o panorama da literatura no Brasil, mesmo inclinado para o jornalismo é possível perceber a preocupação do autor com a literatura. Assim como acompanha o processo urbano e social da cidade, também representa em seus textos a evolução do movimento literário. O mercado cresceu no início do século XX, as pessoas passaram a ler mais do que nos tempos monárquicos, e se tornou frequente a venda de livros didáticos e científicos. O impacto desse fluxo era grande no Brasil, porém, mais comprimido no Rio de Janeiro. Ainda não suficiente, já que grande parte da população carioca ainda não era letrada.

Pois, senhores, não há dúvida. Os livreiros o dizem. O Brasil lê. Há alguns dias, sabendo como se sabe, a crise do livro não só na França, como na Itália, na Espanha e em outros países, tivemos a feliz idéia – uma idéia patriótica por estes tempos que correm ! – de interrogar os nossos alfarrabistas, de abrir uma devassa em regra pelas casas de livros, a saber se lemos mais ou se lemos menos. Lemos muito mais, apenas. (Gazeta de Notícias, 26 de nov de 1903, p.1)

João do Rio, dá importância para a “curiosidade do leitor, o apetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor” (*Gazeta de notícias*, 12 de mar. 1905, p. 1), considera essa necessidade de estar atento as modificações, uma característica social importante decorrente da civilização, os primeiros sintomas do que ele chama de agitação e da nevrose. E determina também que o pai dessa nevrose, seria o jornalismo, por ter transformado a crítica e praticado a reportagem.

Reunindo opiniões de Olavo Bilac, Coelho Neto, Félix Pacheco, Medeiros e Albuquerque e entre outros, parnasianos, líricos, decadentes, clássicos, naturalistas, sociólogos, ele compôs a obra *Momento Literário*. Momento no qual Medina (1988) considera que João do Rio propõe uma nova categoria profissional e levanta a questão até hoje controvertida – onde termina o jornalismo e começa a literatura. Utilizando, o método em voga na Europa e tão recém-descoberto no Brasil – a entrevista, buscou implicações relevantes para dar aos próprios literatos as tendências da sua mentalidade, e ao público, a curiosa história das formações literárias, com a principal pergunta: “O

---

<sup>20</sup> Edição 329 publicada 26 de novembro de 1904

jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” (Gazeta de Notícias, 12 de mar. 1905, p. 1).

Desde aquela época até o jornalismo contemporâneo, há um grande conflito entre jornalismo e literatura, mas a curiosidade do homem implica também na sua necessidade de determinar tudo, dar nome ao desconhecido de acordo com as definições de Pena (2005). E João do Rio com a necessidade de reportar as descobertas encontradas nas “flanadas” pela cidade, mais uma vez, encontra informações produtivas para a sociedade de forma atemporal, em lugares peculiares com personagens improváveis. Na esquina do teatro S. Pedro, com vendedores de jornais e livros decide parar, pela curiosidade de ver os volumes dessa biblioteca popular, e segundo João do Rio (1906), os vendedores de livros são uma chusma incontável que todas as manhãs se espalham pela cidade, entra nas casas comerciais, sobre aos morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento.

— Vende-se tudo isso?

— Oh! não. Há quase um ano que os tenho. Os outros sim — modinhas, orações, livros de sonhos, a *História da Princesa Magalona*, o *Carlos Magno*, os testamentos dos bichos.

Levantei as mãos para o céu como pedindo testemunho do alto. As obras vendáveis ao povo deste começo de século eram as mesmas devoradas pelo povo dos meados do século passado! (Gazeta de notícias, 12 de fevereiro, 1906, p. 2)

João do Rio (1906), diz que essa literatura – a de Carlos Magno, vorazmente lida na detenção, nos centros de vadiagem, por homens primitivos, balbuciada à luz dos candeeiros de querosene nos casebres humildes, piegas, hipócrita e malfeita, é a impulsionadora de crimes, o abismo para a gentilha. João do Rio, é então, mais um dos que aclama os feitos parisienses:

E falam do veneno da literatura francesa, que perde o cérebro das meninas nervosas e aumenta o nosso crescido número de poetas! Que se dirá dessa literatura — pasto mental dos caixeiros de botequim, dos rapazes do povo, dos vadios, do grosso, enfim, da população? Que se dirá desses homens que vão inconscientemente ministrando em grandes doses aos cérebros dos simples a admiração pelo esfaqueamento e o respeito da tolice? (Gazeta de notícias, 12 de fev. 1906, p. 2)

Considero a entrevista mais importante de Momento Literário a de Medeiros e Albuquerque, um grande homem composto de grandes palavras, seu olhar não compartilha da mesma direção que os outros, não assiste aos bons feitos de Paris e se

declara humilde em compartilhar que conhece poucos clássicos, e os mesmos, não tiveram sobre ele alguma influência. Parte em defesa do jornalismo, pondo em respeito à profissão, o ofício. E a necessidade de determinar o que é o que se acentua. E os próprios literários e jornalistas, por inquérito de João do Rio, tentam desbravar mais uma incógnita, que se permeia até hoje.

Segundo, Medeiros e Albuquerque (1905), sempre que uma profissão usa dos recursos de qualquer arte para fins industriais, os cultores da arte se indignam e depreciam sistematicamente os profissionais, que assim se põem no caminho. Mas também os artistas ostentam o seu desprezo e procuram cavar um fosso profundo entre os dois domínios.

— Mas os recursos do jornalismo são grosseiros.

— Não vejo bem por quê. São diferentes dos do romance ou do conto, mas visam o mesmo fim: usar de palavras escritas para impressionar cérebros humanos, fazer vibrar inteligências e corações. Quanto a mim, eu compreendo que se possa fazer com todo amor certas propagandas de idéias elevadas, insinuando hoje um argumento no meio de uma simples notícia, amanhã no comentário de um telegrama, depois num folhetim, depois num artigo solene... E é com uma verdadeira emoção que, mais tarde, se encontra aquele argumento, que apareceu anônimo, perdido em duas linhas de noticiário, repetido aqui e acolá, fazendo o seu caminho... Por que razão há nisso menos arte do que em amassar meia dúzia de substâncias coloridas, borrar uma tela, e dar assim a impressão de uma paisagem, uma cena qualquer? Com aquelas linhas semeadas aqui e além o jornalista criou em muitos milhares de cérebros a impressão de uma sociedade futura, constituída de outro modo, com uma vida diversa da atual. Pois essa obra de criação e emoção não é artística? — Ninguém o devia negar! (Gazeta de notícias, 01 abr. 1905, p. 3)

Medeiros e Albuquerque (1905), a quem João do Rio dedicou Momento Literário, defendeu o jornalismo no inquérito proposto, o encara como um ponto positivo para a evolução literário e também educacional do Rio e do Brasil. Era preciso ter uma sociedade letrada e informada com o que acontece no mundo, mas principalmente, os ocorridos locais. E os jornais sendo a leitura quotidiana, fazia a preparação desse público.

O jornal faz até a preparação desse público. Habitua alguns milhares de pessoas a uma leitura quotidiana de alguns minutos, dando-lhes amostras de todos os gêneros. Os que têm gosto e tempo começam por aí e passam para os livros. Mas o jornal é o indicador. Em nenhum país de grande literatura deixa de haver grande jornalismo. Sem este, aquela é impossível. Os que atacam a imprensa o que deviam fazer era atacar a falta de instrução. E parece que já respondi mais que muito, de sobra... (Gazeta de notícias, 01 abr. 1905, p. 3)

## Conclusão

Por intermédio dessa reconstrução histórica, abrangendo a convergência entre Jornalismo e Literatura no Brasil, na primeira metade do século XX, visando os paramentos de João do Rio, fica explícito que comparado com o mundo, o Brasil sofreu os seus atrasos em relação ao progresso, já que não adianta possuir ruas com alamedas aos moldes de Paris, sendo que de 1000 habitantes 231 eram letrados e 769 não, por volta de 1906, segundo Bomeny (2003), só no Rio de Janeiro. As contribuições literárias tinham grande influência da cultura parisiense, mas não se pode esquecer, que implantadas no Rio de Janeiro – o principal cenário desse período, as ideias se adaptavam as características cariocas. A modernização foi essencial para que isso acontecesse.

João do Rio vivencia o seu auge no período de 1904 e 1905, onde se encontram grande parte das publicações que compuseram *A Alma encantadora das ruas*, *As Religiões do Rio*, *Momento Literário*. Ele acompanha o processo urbano, literário e social do Rio de Janeiro, capta os ocorridos e reporta com subjetividade, mas, acredito que, o processo construtivo do texto jornalístico afetado pelo contexto social ao qual descrever, fica impossível de não perpassar também a subjetividade dos sujeitos que compõem tal realidade. Não é só um processo de amadurecimento da cidade, mas também a evolução da escrita de Paulo Barreto e a contribuição jornalística.

Essa convergência entre dois dispositivos no século XX vai além do conflito entre um profissional e duas profissões – jornalista e escritor, como é pontuado em *Momento Literário*, tal convergência pode ser considerada os primórdios, no retrocesso daquilo que somos (jornalistas), a vanguarda do Jornalismo Literário (escritores). Os primeiros a mesclarem métodos e aplicarem remessas aperfeiçoando o que de origem ao momento atual. O jornalismo passa a existir da literatura, se aproxima cada vez da necessidade de refletir a realidade e deixando de lado o caráter poético. O que não exclui outras vertentes que foram surgindo e reaproximando de várias formas possíveis: literatura e jornalismo.

Para Bulhões (2007), só em 1930 a literatura conseguiu se desvincular do Jornalismo, adotando para si um jeito inconfundível, a *literaturidade*, ou seja, uma capacidade especial que um obra tem de lidar com a linguagem, promovendo o desvio ao seu uso comum. Por outro lado, a disseminação do modelo americano, o lide, torna o jornalismo mais objetivo e surge para saciar a forma expressa do homem moderno.

---

## Referências bibliográficas

BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Turismo e esporte, departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão da editoração, 1992.

BOMENY, Helena. **Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. 29f.

BROCA, B. **A vida literária no brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, A. L. LUCA, T. R. de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDICA, C. **Notícia um produto à venda – Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 6.d. São Paulo: Summus, 1988.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo Contexto, 2005.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

RIO, J. do. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 1904.

RIO J. do. **Momento Literário**. Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

RIO, J. do. O Brasil lê. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 26 de nov. 1903. P. 1-2.

RIO, J. do. **A vida do Rio**: o prefeito. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 26 de nov. 1903. P. 1-2.

RIO, J. do. **Conferencia literária**: João do Rio - a rua. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 29 de out. 1905. P. 5.

RIO, J. do. **O grão**. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 04 de fev. 1905.p. 1.

RIO, J. do. **A pobre gente**: Os trabalhadores da estiva. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 19 jun. 1904. p. 1.

RIO, J. do. **A pobre gente**: Sono da miséria. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 10 de junho de 1904. p. 1.

RIO, J. do. **No Jardim do Crime**: As quatro ideias capitais dos presos. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 03 de set. 1905. p. 1.

RIO, J. do. **Os mercadores de livros e a literatura das ruas**. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 12 de fev. 1906. P. 1.

RIO, J. do. **Momento literário**: Medeiros e Albuquerque. **Gazeta de Notícias**. Rio de janeiro, 01 abr. 1905. p. 1.

---

RODRIGUES, A. ASSMAR, E. M. L. JABLONSLKI, B. **Psicologia Social**. Petropolis: Vozes, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.